

Discurso de posse*

Cleise Furtado Mendes

Senhoras e senhores:

Ainda agora, quando vejo sacramentar-se, com a presente cerimônia, minha admissão à Academia de Letras da Bahia, na prestigiosa Cadeira número 6, não cesso de indagar-me sobre as razões que teriam levado um corpo tão insigne de acadêmicos a fazer esta escolha, exceto a óbvia generosidade. E, talvez para serenar minhas dúvidas, lembrei-me de que são decorridos 53 anos desde que teve ingresso nesta Casa um escritor cuja trajetória literária estava vinculada às artes cênicas. Em 13 de setembro de 1951, tomava posse da Cadeira número 12 o diretor, dramaturgo, professor e historiador de teatro Affonso Ruy de Souza, que veio a falecer em 1970. Desde então, ao longo de mais de três décadas, segundo os registros existentes, não consta que as artes do espetáculo estivessem representadas em tão distinto colegiado, que reúne alguns dos mais destacados nomes das Letras, da Ciência, da Educação, das Artes, enfim, do vasto campo da cultura em suas diversas manifestações.

Assim, após mais de meio século, ingressa nesta Academia alguém cuja produção artística e vida profissional mantêm estreita relação com o teatro. Destacar este fato, e logo de saída, é um movimento que tem significado duplo: por um lado, há um ônus adicional, é claro, pois esse vínculo investe de uma responsabilidade especial minha presença aqui, hoje. Por outro lado, encontro nessa lembrança também um alívio, pois ela me dá a

* A sessão solene de posse ocorreu na Academia de Letras da Bahia em 15.04.2004.

impressão de ter alcançado uma razão concreta para que eu fosse eleita, entre tantos outros nomes de maior merecimento. Em suma: acredito que um fator preponderante nesta escolha tenha sido, por parte dos membros desta Academia, o desejo de estreitar os laços entre as Letras e o Teatro.

Acontece, senhoras e senhores, que a expressão “estretitar laços” é bastante curiosa, e não é sem razão que já se tornou um lugar-comum, um segmento fixo de nossas falas. É uma daquelas expressões em que a linguagem se torna imperiosa, em que ela nos impõe liames de sentido pré-fabricados. Porque dizer “estretitar laços” supõe, ou melhor, *impõe* que laços existem para serem estreitados. No caso dos famosos laços entre a Literatura e o Teatro, esse “estretitamento” é uma operação que está longe de ser pacífica ou mesmo amistosa, para grande espanto, às vezes, daqueles que não militam nesses espaços. E visto que, ao longo de mais de três décadas, tive minha vida e meu trabalho *emalhar* por tais laços, peço que me permitam dizer algumas palavras sobre isso.

Eu vivi os anos 20 de minha história no coração conturbado da década 70, em Salvador. E tentando manter-me fiel aos sonhos de minha infância profunda, que eram viver de e para a literatura, cursava então a Licenciatura em Letras, na UFBA. Mas como os sonhos não permanecem imóveis, antes se expandem e invadem novas porções da realidade, desde que bem alimentados, a estudante de Letras queria também, e urgentemente, subir ao palco. Como as crianças dos contos de Clarice Lispector, ela queria tudo, e já. E então fez-se o drama, armou-se o conflito. Os colegas do curso de Formação do Ator, na Escola de Teatro, ao me ver chegar sobreçando Drummond, Cecília, Guimarães, diziam, com olhar enviesado: “Você parece uma estudantezinha de Letras...”. E eu lhes respondia: “Mas eu sou uma estudante de Letras!” E o impasse era provisoriamente resolvido, pois é uma lei básica do discurso do vitupério que ninguém pode ser injuriado por algo que proclama de bom grado.

Acontece ainda que nos anos 70, entre muitas outras rebeldias, saudáveis rebeldias, o teatro, para constituir-se como linguagem artística autôno-

ma, e não mera ilustração de um texto, gritou seu franco repúdio à literatura. Foi um grito do tipo: "Laços, fora!" Pois num movimento que vinha desde as primeiras décadas do século XX, e atingia então seu clímax, o teatro sentia os laços seculares que o atavam à literatura bem mais como grilhões. Para evitar desdobramentos teóricos, vou lançar mão de um chiste, que é sempre uma espécie de atalho para nossa compreensão. Certo amigo, ao se referir a seu próprio e conturbado casamento, explodiu com esta pérola: "Isto já não é uma relação em crise; é uma crise... em relação!". Pois bem, não conheço melhor síntese para os famigerados laços entre a literatura e o teatro, desde sempre, talvez, mas com especial nitidez no século passado.

O que lhes apresento, aqui, senhores, quase como uma caricatura, que é o resultado das reduções, é apenas uma pequena notícia de uma grande guerra. Guerra que o teatro declarou em nome de sua própria sobrevivência, de seu vigor e renovação, guerra que às vezes foi travada com heroísmo, às vezes com radicalismo suicida. Mas é preciso reconhecer e marcar historicamente este gesto de libertação; é preciso reconhecer sobretudo a grande proeza desses seres teatrais, desses "loucos", como muitos eram chamados, que acreditavam ser possível abrir espaço, numa tradição cerradamente racionalista e logocêntrica, para a fisicalidade do ato teatral.

Como para mim não havia escolha possível, em tal conflagração, instalei-me numa trincheira – a dramaturgia – e em pleno campo de batalha dessas linguagens.

É importante que saibam, pois, senhores, que ao contribuir para estreitar laços tão... *dramáticos*, aqui recebem uma habitante das fronteiras, alguém que não encontrou pouso senão no vai-vem incessante entre a Literatura e o Teatro, e que talvez não faça jus a nenhum desses dois fascinantes domínios.

Senhoras e senhores:

Há um breve e bem conhecido poema de João Cabral de Melo Neto, chamado *Tecendo a Mandã*, que peço a licença de trazer aqui, em

apoio de certas considerações, e me parece que assim lucrámos todos, pois seu extraordinário poder de síntese bem pode nos poupar de páginas e páginas desnecessárias:

*Um galo sozinho não tece uma manhã;
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito que um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.*

*E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldão
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.*

Esta poderosa imagem, de cada manhã nascendo como o fruto do trabalho de muitos galos, erguendo-se em clara e sonora teia, que ao mesmo tempo funda e celebra o novo dia – esta imagem me veio à mente ao ouvir, pela primeira vez, um discurso de posse nesta Casa, há alguns anos. Sobretudo, ao observar o modo como o acadêmico recém-chegado desenhava, em breve esboço, a história de sua Cadeira. Compreendi então, e daquela forma particularíssima pela qual só uma imagem poética nos leva a compreender algo, que a rememoração dos antecessores, por cada novo acadêmico, era bem mais do que prática consagrada ou rito de uma tradi-

ção. Independente dos estilos e das inclinações, das soluções de relato mais breves ou mais prolixas, independente da maior ou menor admiração pessoal ou afinidade literária que o acadêmico estreante possua com aqueles que o antecederam, trata-se, acima de tudo, da tessitura da memória. Trata-se de, a cada estréia, lançar novos fios de um contínuo trabalho de rememoração, fios que, entretecidos, possam engendrar, simultaneamente, o passado e o futuro desta Casa.

Assim como a cúpula da manhã, a cada dia, na precisa imagem cabralina, resulta do trabalho sonoro de muitos galos, a própria identidade desta Academia, e de cada um de seus membros, é tecida por este concerto de vozes que se erguem para reedificar, incessantemente, uma tradição. Recorri a esta simile, senhoras e senhores, para assinalar o quanto considero relevante a tarefa de lembrar os acadêmicos que ocuparam este lugar de honra, ainda que o faça de modo breve, em respeito a esta audiência.

E que história singular tem a Cadeira número 6! Que diversidade de inclinações abrigou, apesar de ter contado apenas com 3 ocupantes, ao longo dos 87 anos desta Academia! A começar por seu patrono, Alexandre Rodrigues Ferreira, curiosa e fascinante figura de viajante, explorador e pesquisador das ciências da natureza. A biografia deste naturalista do século XVIII, já desenhada a contento por aqueles que me antecederam, renderia material suficiente para um romance de aventuras. Nascido em Salvador, antes de tornar-se audacioso cientista chegou a investir algum tempo na carreira eclesiástica, mas a seguir ingressa na Universidade de Coimbra, a fim de estudar Filosofia e Direito. No entanto a paixão decisiva, e logo recompensada, seriam as ciências naturais. Numa autêntica peripécia romanesca, é encarregado pela Coroa Portuguesa de chefiar uma expedição científica ao Brasil. Os nove anos que lhe custaram essa sofrida e acidentada empresa foram narrados em *Viagem filosófica às Capitânicas do Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Caiabá*, livro só publicado em 1972, 157 anos após a sua morte.

Quanto ao fundador da Cadeira número 6, ou seja, seu primeiro ocupante, Manoel Augusto Pirajá da Silva, ao falecer, em 1961, encerrava não só uma significativa participação de 44 anos, como acadêmico, mas também uma carreira profícua como médico e pesquisador, no campo da parasitologia. Não entrarei em detalhes dessa brilhante trajetória, já suficientemente traçada por seu biógrafo, Itazil Benício dos Santos. Faço referência a apenas um fato que, mesmo isolado, bastaria para assegurar-lhe um lugar de destaque na história da ciência. Pirajá da Silva é considerado por seus pares como o pesquisador responsável pela identificação de uma nova espécie de parasito responsável pela esquistossomose, no Brasil, com características diferentes do que fora encontrado no Egito.

Para sugerir rapidamente a dimensão dessa descoberta, valho-me de um misto de panegírico e resumo biográfico composto por ninguém menos que Thales de Azevedo. O Mestre, em seu discurso de posse nesta Casa, em 1962, refere-se a Pirajá da Silva como “a mais completa e acabada figura de cientista da escola tropicalista baiana” e em seguida reporta o seu “excepcional feito científico, que foi a segura e definitiva distinção entre os ovos dos esquistossomas do Egito e do Brasil”. E ainda: “Deve a medicina a Pirajá da Silva uma das mais completas realizações científicas: além daquela distinção, identificou o próprio parasito, seguiu-lhe pioneiramente o ciclo evolutivo, descobriu seu hospedeiro em nosso meio, firmou características clínicas fundamentais da doença, TUDO ISSO graças ao rigor do seu método de investigação, à tenacidade na colheita de material, à rigorosa honestidade na apresentação dos dados, à agudeza do senso de observação e ao controle competente e exato dos fatos pela experimentação.”

É muito fácil citar, senhoras e senhores, as precisas observações de Thales de Azevedo em relação ao seu antecessor nesta Cadeira. Mas falar do próprio Mestre é uma tarefa estranhamente fácil e difícil, ao mesmo tempo. Difícil, porque muitos já o fizeram, dentro e fora do Brasil, com grande brilho e competência; e fácil, porque a extensão e relevância de sua

obra é algo que se torna evidente até para um pesquisador pouco empenhado. Pela extensão, falam por si mesmos os mais de 300 itens bibliográficos arrolados por Maria de Azevedo Brandão, numa publicação de 1993, intitulada *Textos de Azevedo – Dados de uma assinatura*, e da qual ainda não constam muitos artigos veiculados em jornais diários, como adverte a organizadora. Da relevância dessa produção, dão testemunho eloqüente os vários prêmios conquistados por uma obra capital da ensaística antropológica, como *Posuamento da Cidade do Salvador*.

Senhoras e senhores:

Ao saber que o último ocupante da cadeira número 6, a quem tenho agora a responsabilidade de suceder, havia sido Dom Lucas, Cardeal Moreira Neves, arcebispo de São Salvador da Bahia e primaz do Brasil, e que me competia ainda que breve rememoração de sua trajetória, fiquei no primeiro momento paralisada diante do desafio dessa tarefa. E a seguir, a ela me dediquei, sobretudo com honestidade. Julguei, em boa hora, que um caminho privilegiado para ter acesso a esse eminente antecessor, ao invés de relatos e depoimentos de terceiros, seria a leitura de seu próprio discurso de posse, nesta Casa, em 16 de maio de 1996. Ao fazê-lo, fui bem recompensada em meu sincero desígnio de compreensão. Logo ao início de sua fala, Dom Lucas apresenta uma reflexão à qual empresta caráter metafísico, afirmando que todos os acontecimentos, para aqueles que têm “olhos de ver” além da superfície das coisas, podem ser compreendidos em três níveis.

O primeiro nível seria o da pura materialidade dos fatos, em seu caráter de mera contingência; o segundo nível, mais profundo, adverte o autor, porta o significado daquele acontecimento para os sujeitos nele envolvidos; e, afinal, o terceiro nível situa-se, ainda segundo o autor, “na zona do mistério”, e diz respeito a “uma dimensão que circunda e reveste todo acontecimento e lhe confere um caráter transcendente”. Logo a seguir, e após citar a célebre frase de Shakespeare que afirma a existência,

entre o céu e a terra, de muito mais do que nos é dado sonhar, Dom Lucas esclarece o sentido dessa “dimensão”, afirmando que: “há um desígnio divino e um plano da Providência que cerca todo acontecimento e constitui seu significado pleno, bem além da sua materialidade.”

Creio que foi nesse ponto da leitura que percebi toda a dificuldade de minha empresa, ou seja, percebi o que me distanciava de meu ilustre antecessor. É que entre nós se interpunha o território das certezas, do qual me sinto, até este momento, inapelavelmente excluída. Então decidi seguir a advertência do próprio Dom Lucas e me pus a indagar se não haveria, neste mesmo acontecimento, nesta sucessão acadêmica, algum significado de um nível mais alto que se me pudesse revelar, além daquele único para o qual tenho alguma esperança de ter “olhos de ver”, ou seja, o da superfície imediata das coisas.

Considerarei, então, que após um homem de segura erudição, de sólidas convicções, um luminar da fé, vinha ocupar a Cadeira número 6 alguém como eu, filha do ceticismo do último quartel do século XX, amante de opostos supostamente inconciliáveis, alguém que se deixa fascinar ao mesmo tempo por Jorge Luís Borges e João Ubaldo Ribeiro, por Antonin Artaud e Bertold Brecht, por Castro Alves e João Cabral de Melo Neto, e consegue abrigar a todos no mesmo pequeno e confuso coração. Alguém como eu, ao mesmo tempo agnóstica e assombrada por todo tipo de visagens, por todo o naipe dos encantados; materialista, até que o sol se ponha, e a partir daí presa de toda sorte de sortilégios.

Que viesse a ocupar esta Cadeira alguém como eu, em tal sequência, foi para mim um acontecimento-signo, portador de duas revelações. Primeiro, isto me comprovou o saudável ecletismo desta Casa, de pronto visível a qualquer um que se ocupe em rastrear os seus 87 anos de história, e perceba que por aqui passaram não só representantes de diversas áreas da cultura, mas de diversas orientações políticas e filosóficas. O que vale dizer: esta Casa conheceu na prática o sentido da palavra *multiplicidade*, e sabiamente abrigou os bons conflitos e combates de idéias sem os quais

uma cultura deixa de ser algo vivo e torna-se peça empoeirada e perdida nos escaninhos da tradição.

Mas a segunda revelação me viria da própria fala de meu douto antecessor. Prosseguindo a leitura de seu discurso, encontro uma passagem simples e engenhosa, na qual Dom Lucas recorre ao *léxi* da humildade, afirmando não encontrar outra razão para ter sido eleito senão “o simples fato de amar perdidamente a Bahia, sua terra, sua história e sua gente.” Então, recompensada pela meditação a que o seu conselho me induzira, gritei eureka! Gritei, digo, intimamente, é claro, pois gritar “eureka” a plenos pulmões é algo que está reservado aos grandes descobridores, e este era apenas um pequeno achado, uma luzinha derramada no ínfimo espaço do mundo que meu corpo ocupa. Então, pensei, existe sempre um toque, um lance, um canto de galo matinal tecendo a grande rede que nos ultrapassa. Então, pensei, eu – imersa no mar de hipóteses de minha pouquíssima ciência – e Dom Lucas Moreira Neves – em sua sabedoria e dignidade eclesiástica – amávamos “perdidamente” a Bahia.

Leitora de Borges, jamais deixarei de me maravilhar com as formas que o universo providencia para fazer suas sinapses, para ligar e religar os pontos dessa teia de eventos a que chamamos de realidade.

Senhoras e senhores;

Qualquer um que olhe para trás com um pouco de sinceridade, verá que mesmo aquelas realizações a que atribuí maior importância em seu trajeto pessoal, afetivo e profissional, só se tornaram possíveis pela contribuição de muitos. Existe sempre alguém para nos fazer dar o salto. Alguém que é causa, inspiração, apoio ou simples elemento catalisador de uma sequência de eventos.

Por isso, um dos gestos mais decentes que o ser humano inventou é o agradecimento. Se mais não o repetimos, se deixamos escapar tantas chances de exercer nossa decência em tal direção, esquecidos e alheios às dádivas que chovem sobre nós, é que é preciso tempo, é preciso distân-

cia para reconhecer o papel que tantos desempenharam na construção de nosso destino.

Início neste ponto um ritual de agradecimento, e uso a palavra ritual no sentido luxuoso que ela possui em teatro: não uma forma vazia, mas um ato solene de presentificação. Para isso devo pedir paciência aos que me ouvem, pois sabemos todos que as figuras dessa “família” retórica – as laudações, os encômios, os panegíricos – costumam ser bem monótonas, ao contrário das artes do mal-dizer, da injúria, da sátira, do sarcasmo – talvez por nosso pendor demasiado humano para a polêmica e para a contenda. Mas vou correr esse risco, e também um risco adicional e próprio dos agradecimentos, que é o lapso, a lacuna, o precário socorro de nossa memória.

Em primeiro lugar, agradeço àqueles que são a causa imediata de meu ingresso nesta Casa – os agora pares acadêmicos que me honraram com a acolhida do meu nome para figurar entre tantos de tamanha distinção. É importante que saibam, senhoras e senhores, que unida a esse agradecimento está também minha firme disposição de contribuir, na medida de meus poucos saberes, com a relevante função que esta Academia desempenha na vida cultural da Bahia.

Agradeço aos confrades do Conselho Estadual de Cultura, que cercaram carinhosamente a minha surpresa desde a simples indicação do meu nome, e muito me ajudaram com sua “torcida” fraterna e com seu direto incentivo. Agradeço destacadamente ao amigo Paulo Gaudenzi, que ao longo deste processo fortaleceu a minha confiança de estar à altura de pertencer a tão nobre colegiado, e esse é o tipo de apoio que honra a quem o recebe, por partir de alguém que está, de modo público e notório, profundamente comprometido com os ramos de nossa arte e nossa cultura.

E agora salto desse passado recente para a origem do meu estar aqui, ou antes para a ficção da origem, pois tudo indica que nós precisamos providenciar uma, já que em relação ao fim não existe nada mais garantido.

E assim, agradeço a meu pai, que já não está entre nós, Arnaldo

Abreu Mendes Filho, que amava, mesmo sem compreender, aquela menina de 10 anos que queria como presente de aniversário uma coleção de "clássicos da literatura", que vira anunciada numa revista, e não a trocava por nada, não queria acordo. E ele tratava de lhe fazer a vontade, já que amar é uma das formas de compreender, embora resmungasse sua preferência por presentes mais saudáveis, como uma bicicleta ou um par de patins.

Agradeço a Edlo Oliveira Santos, pai de meus três filhos - que também nos deixou há cerca de dois anos - o baiano responsável por eu ter vindo para Salvador, há mais de 30 anos. Se este tivesse sido o único ato de sua existência, ele mereceria minha inteira gratidão, e só não digo "por toda a eternidade", pois a expressão só pode soar risível nos lábios de alguém com pouco mais de meio século de idade.

E agradeço a minha mãe, que me ouve, e que teve tantas vezes de enfrentar uma adolescente aspirante a senhora de verdades, apenas por ter lido meia dúzia de livros, sem ao menos sequer suspeitar, então, que a vida nem tinha começado a sua aula. Agradeço a minha mãe, que certa vez, à noite, quando as palmas das bananeiras agitavam no quintal as suas sombras ameaçadoras, me disse, simplesmente: "Não tenha medo. Deus é grande." E essa frase, desde então, repercutiu em mim, como uma fórmula mágica, em cada momento de aflição e desamparo, e repercute ainda, aquém e além de qualquer racionalização, a cada vez que as sombras tentam se aproximar.

Agradeço a meus filhos, que sempre precisaram dividir o tempo e a atenção que lhes seriam dedicados com tantas tarefas, textos, reuniões, aulas, projetos, sonhos. E talvez mais do que a eles agradeço à vida a experiência da maternidade, que foi para mim o principal acesso ao aprendizado da paciência e da humildade, por trazer a viva percepção dos limites, mas também dos incríveis poderes de nosso corpo e da vida que o anima.

É quase impossível agradecer a tantos que em minha infância e adolescência, vividas no Rio de Janeiro e em Minas Gerais, foram como verdadeiros nomes tutelares, e assim faço novo salto para minha vida de

estudante universitária, já em Salvador.

E agradeço aos colegas e professores do Instituto de Letras da UFBA, lugar de fecundo e inesquecível convívio, onde estudei por cerca de – inacreditáveis! – 14 anos, se somarmos os interstícios de graduações e pós-graduações. Não posso dar maior retorno a uma instituição que tanto significou em minha vida, senão dizer que em tudo que hoje penso ou produzo está a marca daqueles mestres, colegas, e sobretudo de preciosas amizades que o tempo só fez fortalecer. E em meio a tudo isso, há de haver sempre um nicho na memória para a Oficina de Criação Literária, da profa. Judith Grossmann. Judith, mestra in-de-lé-vel, que ensinou a uma geração de estudantes de letras, e de teatro, não a interpretar meia dúzia de obras ou a reverenciar certos autores, mas a pensar, e sentir, e viver, de modo largo, alto e profundo, o fenômeno mesmo da literatura.

E que posso dizer, de que forma agradecer a essa outra Escola, esse outro pólo de um universo que largamente me transcende, a Escola de Teatro da UFBA? Em seu significado maior, social, essa Casa, criada por Eros Martim Gonçalves em 1956, graças à larga visão do verdadeiramente magnífico reitor Edgard Santos, não só fez parte de um ambicioso e eficaz projeto cultural na Bahia do século XX, mas segue sendo, para aqueles que nela trabalham, tesouro e manancial – por tudo que representou e vem representando para tantas gerações de artistas cênicos. Já do seu significado em meu trajeto pessoal, é mais difícil falar. Seria como tentar conter um mar na concha das mãos. Durante 30 anos, foi essa Casa – chamada, carinhosamente, num espetáculo feito em parceria com José Possi Neto, *A Casa de Eros* – foi essa casa que abrigou todos os enredos de minha produção desejante – transmutada em peças, palavras, personagens.

E também não haveria aqui tempo e espaço suficientes para agradecer a longa vivência compartilhada com meus colegas professores, que me inspiraram com seu talento e sua fé nos poderes do teatro, e com meus tantos e tão queridos alunos, com os quais aprendi, em cada aula, a pensar a dramaturgia, no próprio esforço de ensiná-la.

Agradeço aos diretores teatrais com quem trabalhei: com eles também aprendi a dramaturgia, à medida que eu tentava criar diálogos, situações e personagens que, sem deixar de serem filhos do meu devancio, fossem ao encontro de suas concepções cênicas. Agradeço aos diretores que conseguiram a proeza de me dirigir, enquanto insisti numa carreira de intérprete. Agradeço aos atores com que contracenei, que me ensinaram outros tantos mistérios do palco. Tantos nomes tão queridos, que a custo resisto citar, para não cometer a falha trágica da omissão.

E por último, no devido lugar, no lugar bíblico daqueles que podem vir a ser alguma vez os primeiros, agradeço ao principal arquiteto da edificação de minha candidatura a esta Casa, ao principal roteirista de uma seqüência de eventos que culmina nesta mesma fala: é claro que me refiro ao irreverente escritor, ao contista surpreendente, ao homem de verbo franco e desassombrado, ao querido amigo Guido Guerra. Guido, que não apenas sugeriu o ingresso, numa Academia formada por alguns dos nomes mais destacados nas Letras da Bahia, de uma dramaturga há alguns anos distante dos círculos literários, em função de um trabalho contínuo e sempre urgente de produção para o palco, mas que teve a generosidade ímpar de apresentar a seus confrades aquela parte de minha obra não destinada aos refletores, e até então visível apenas para um pequeno público de alunos e professores universitários.

E visto que desejo também a gratidão dos que ouvem, não me alongando em demasia, estendo e resumo este gesto de agradecimento a todos aqueles e aquelas que pelas vias do afeto e dos preciosos conflitos que nascem das tentativas do convívio humano, expandiram meus modos de ver, de sentir, de querer.

Senhoras e senhores:

Em 1937, Antonin Artaud escreveu um manifesto intitulado "Teatro e Cultura", do qual cito o seguinte trecho:

Nunca, como hoje, quando é a própria vida que nos foge, se falou tanto em civilização e cultura. E existe um estranho paralelo entre essa falência da vida e a preocupação com uma cultura que nunca coincidiu com a vida e que é feita para sufocar a vida. (...) O que importa não é tanto defender uma cultura que nunca salvou uma pessoa de ter fome, mas sim extrair, daquilo que se chama cultura, idéias cuja força viva é igual à da fome. (...) Todas as nossas idéias sobre a vida têm que ser revistas numa época em que nada mais adere à vida. Nunca se viu tantos crimes, cuja gratuita estranheza só se explica por nossa impotência em possuir a vida. E o teatro existe para agitar as sombras nas quais a vida nunca deixou de tremular. E porque nosso espírito precisa de uma linguagem viva para suas manifestações. É preciso acreditar num sentido da vida renovado pelo teatro, onde o homem torna-se o senhor daquilo que ainda não existe, e o faz nascer.

Na segunda metade do século XX, muitos apontaram o sentido profético deste e de outros textos de Artaud, sobretudo em seu alerta para uma arte que se afaste perigosamente da vida, para uma cultura que não compreenda o corpo a corpo de sensibilidades. Por isso não perco oportunidade de reafirmar minha crença na importância do teatro para a própria saúde de uma comunidade; não cesso de celebrar esse ato efêmero que está na exata contra-mão de qualquer reprodutibilidade técnica. O teatro, arte velhíssima e avessa aos romances virtuais; o teatro com tudo que ele implica de presença física, de convite ao encontro, de sangue e suor compartilhados.

Na Bahia, principalmente a partir da década de 80, assistimos a um movimento teatral que não parou de crescer e diversificar-se; o teatro, entre nós, ganhou novos espaços, atraiu produtores, lançou atores e diretores de grande competência, conquistou seu público. Sem dúvida, falta muito, em muitas frentes de batalha. Mas nós sempre podemos escolher se vamos nos instalar na falta ou - enquanto trabalharmos - festejar a alegria dos ganhos

possíveis e visíveis. Visto que sempre escolhi a segunda opção, espero sinceramente, como dramaturga, poder estar à altura dos artistas do palco que com seu talento e tenacidade produziram essa transformação.

Sr. Presidente, senhores acadêmicos:

Ao ter notícia de minha eleição para esta Casa, muitos foram os amigos que brincaram, entre o carinho e a surpresa, com o epíteto de "imortal", sobretudo os colegas de teatro, com quem compartilho meu dia-a-dia profissional. Os seres teatrais são seduzidos por muitos cantos de sercia, mas não costumam sequer cogitar da imortalidade artística. Talvez pela própria natureza impermanente de suas criações, parecem estar muito familiarizados com a advertência dos tragediógrafos gregos: "Lembraí que sois seres efêmeros." Mas esse lembrete tão óbvio, tão evidente no cotidiano de nossas produções, desencadeou, para mim, a respeito do presente acontecimento, uma reflexão que eu gostaria de aqui compartilhar.

Vejo nesse "título" uma espécie de aposta esperançosa, a projeção do desejo daqueles que nos admiram – algo assim como: que você seja imortal. Pois sabemos bem que até a longínqua hipótese de uma "imortalidade" literária não seria algo passível de se conformar a um programa, não poderia ser planejada, nem conferida. Isso me fez lembrar, por exemplo, de Cervantes, Miguel de Cervantes, escrevendo o seu *Dom Quixote* na cela de uma prisão sevilhana, encarcerado por dívidas, aos 53 anos, o que significa um velho em sua época. Será que ao inventar as peripécias do seu Cavaleiro da Triste Figura, herói da ilusão, do autoengano, o velho Cervantes tentava tornar-se imortal? Ou seja: ele de fato poderia cogitar que aquelas aventuras viessem a divertir e comover gerações e gerações de leitores? Acredito profundamente que aquele indigitado homem e feliz escritor queria era viver sua própria aventura: a aventura ímpar de *romer o Dom Quixote*; queria, ele próprio, divertir-se, queria projetar-se, através da imaginação, para além da tristeza e do constrangimento de suas circunstâncias.

Penso que o desejo que nos move, ao escrever, não é o de sermos imortais, porque a simples idéia da imortalidade, seja ela física, seja ela simbólica, através de uma obra que porte o nosso nome, é algo que ultrapassa largamente o nosso entendimento, a limitação de nossas percepções, em suma, é algo de impensável, de irrepresentável, e, como tal, assustador. Tanto ou mais assustador que a idéia da morte. E apesar disso, não temos outro assunto. É disso que tentamos falar, todo o tempo. Shakespeare nos garantia que o mundo inteiro é nosso palco, e como devia parecer vasto o palco do mundo, em sua época! Mas hoje, visto à distância, o palco do planeta não ultrapassa o fio de uma navalha.

Houve um tempo em que acreditei nessa aspiração da imortalidade literária. Ao fazer meus votos, desde aquele ponto mais remoto da infância que a memória alcança, de estar prometida em casamento à literatura, ainda não conhecia a angústia básica: serei correspondida? Sim, porque a literatura é uma noiva tão cobçada que não pode reconhecer o número de seus pretendentes. Então, o que nos resta é produzir o máximo de felicidade no ato mesmo de escrever. Por isso hoje penso que o queremos, é antes, e o quanto antes, sim, ser *inesquecíveis*, o que é algo bem diverso, sem ser menor ambição. Porque a menos que alguém esteja acometido por uma dose insana de vaidade, de delirante amor narcísico pelo próprio nome, o que lhe podem importar, verdadeiramente, o afeto e a admiração de pessoas que sequer conhece, de seres virtuais, ainda por nascer, em suma, o que se costuma chamar... posteridade? Mas, ao contrário, importa, e muito, e quanto é reconfortante, a idéia de que permaneceremos na lembrança de todos aqueles seres concretos com os quais compartilhamos algum momento de nossa breve existência. Queremos ser *inesquecíveis*, sim, para aqueles que conhecemos e amamos.

A história da literatura produziu academias tanto quanto produziu gêneros e convenções. Houve até mesmo, certa vez, uma Academia dos Esquecidos. Sejamos um pouco mais otimistas. Nada nos impede de brincar com a idéia de uma Academia dos Inesquecíveis, sem outro critério

para o ingresso senão os vínculos afetivos de nossa memória. A cada vez que alguém dissesse: eu me lembro de fulano... – pronto! – fulano estaria automaticamente eleito entre os inesquecíveis. Nada impediria que proliferassem as academias pessoais, particularíssimas, ao sabor das lembranças, e nem que várias se aglutinassem numa grande rememoração compartilhada, uma espécie de egrégora dos inesquecíveis.

Senhoras e senhores:

Certos índios acreditam que o imenso teto azul do mundo é sustentado pelos seus xamãs; quando morrer o último xamã, o céu desabarà sobre suas cabeças. Nós, que um dia comungamos desse medo, já não cremos em nenhum “teto”, pois podemos ver de longe e de fora o nosso palco – a Terra, com sua bela máscara azul na tela da TV – podemos vê-la, inteira, no instante mesmo em que nela pomos os pés. E nem temos tempo de nos maravilhar com isso! Mas não deixamos de sentir, por vezes, que algo está prestes a desabar, e que ainda estamos longe de ser sábios e livres o bastante, mesmo que tenhamos traçado o mapa das células onde moram o riso e a dor. Quando isso acontece, tateamos cegos, em busca de qualquer mínimo caco de verdade, e nos dispomos a agarrar qualquer feia e esquelida certeza, e a defendê-la com unhas, dentes, exércitos e teorias, e cada um troca seu reino de fantasias galopantes por qualquer pangaré puritano e covarde.

Mas a única coisa certa, senhoras e senhores, é que estamos condenados ao espanto. Por isso escrevemos, por isso nos escrevemos, nos encenamos. Por isso inventamos a eternidade – várias eternidades, pois somos tão criativos. Seria espantoso se fôssemos imortais. E é espantoso que tenhamos que morrer. É assustador que estejamos sozinhos no universo, entre bilhões de galáxias. E será assustador, se não estivermos sozinhos.

Senhoras e senhores:

Cheguei a Salvador num domingo de Carnaval, antes de completar

dezoito anos. Vinha para me casar, para constituir família e para – eu ainda não sabia, é claro – para amar perdidamente esta terra. Em meu ato de agradecimento – amplo, geral, irrestrito – me referi apenas de passagem a essa mãe adotiva – a Bahia. Silenciei, pois não haveria espaço, nem em minha fala nem na paciência dos que me ouvem, para comportar a torrente de imagens e sensações que isso abriria em meu discurso. Falar da Bahia é falar de algo que não compreendo, que me ultrapassa, de algo que mergulha suas raízes no perigoso domínio do desconhecido.

Com todo risco de parecer um tanto... insana, conto aos senhores que a primeira vez que escutei certa música avisando para “pisar este chão devagarinho”, senti, como uma verdade profunda, inexplicável, que alguém, de algum lugar me enviava aquela mensagem, disfarçada em canção popular. É que sim, sim, era preciso pisar este chão devagarinho, com a humildade daqueles que não tiveram a graça de nele nascer. E hoje, se em alguma coisa creio, é nos poderes desse grande ventre mestiço, que devora o mundo – não importando que venha o mundo pelo cantador de repente ou pela Internet – e o devolve matizado por suas cores e crenças. Creio nesse ventre onde tudo se reinventa, e onde há muito algo se gesta: calmamente, certamente, baianamente.

Porque o artista mestiço sabe que tudo já foi dito, tudo já foi feito, mas nada está pronto. O prato que nos dá sustança não está pronto para consumo. Ou como já resumiu o poeta popular: “Quem quiser vatapá, que procure fazer”. Por isso, creio, é preciso festejar, sim, todo soneto ou samba-reggae que fale dessa mansa arrogância, dessa rebeldia disfarçada em sorriso para exportação, dessa mania de gozar todos os movimentos da vida em sua dança – que fale, afinal, desse sestro ancestral de ser feliz!

Creio que aqui existem forças capazes de mover fronteiras, gêneros, classes, conceitos e preconceitos. Creio nas vozes que aqui buscam se tornar audíveis, que já produzem e ainda produzirão poderosas dissonâncias em meio aos concertos canônicos. Creio que aqueles que aqui vivem e trabalham estão preparando – entre cacos de utopias, entre estilhaços de

sonhos – mais uma renascença, uma refazenda, uma refestança.

Creio nesse ventre que já pariu um país, e que é capaz de engendrar muitas outras maravilhas.

E ao rezar este credo particular, percebo que tudo que fiz, tudo que escrevi, tudo que produzi desde aquele domingo de Carnaval... foi apenas uma tentativa de fazer parte disso, dessa coisa toda.

Muito obrigado a todos.

